



*Nos últimos 60 anos a Igreja vem recebendo e aplicando as orientações do Concílio Vaticano II. Em que pesem os movimentos de retrocesso de camadas conservadoras e tradicionalistas, o fato é que houve na história da Igreja um concílio que reuniu a universalidade dos bispos e que, por desejo e insistência da maioria desses, deixou marcas profundas no modo de ser e de agir da Igreja. Depois de 60 anos percebe-se que há ainda um longo caminho a percorrer em vista de fazer acontecer o concílio, há ainda muita riqueza apenas esboçada nos documentos que precisa ser descoberta e desenvolvida. O tema da sinodalidade, posto pelo Papa Francisco na pauta da reflexão e do engajamento evangelizador destes últimos anos, é um exemplo. Quem poderia imaginar, uns dez anos atrás, que uma sementinha escondida nos documentos do concílio viesse a germinar, a tornar-se uma planta, a estar pronta a produzir frutos.*

*A revista Encontros Teológicos, fiel à sua missão de servir à causa da reflexão teológica e do compromisso pastoral e evangelizador, ao mesmo tempo em que faz memória do grande acontecimento eclesial do século XX, oferece aos leitores e leitoras, em seu Dossiê, alguns artigos que os/as ajudarão a abrir novos horizontes para a compreensão do Concílio Vaticano II.*

*O Dossiê – Concílio Vaticano II: 60 anos – começa com um artigo o documento mais importante do concílio. Com o artigo intitulado LUMEN GENTIUM. “IGREJA, QUE DIZES DE TI MESMA?” (PAULO VI), o autor, Antonio José de Almeida, considera que esta constituição dogmática ocupa um lugar privilegiado no conjunto da obra do Vaticano II. Preparada no interior dos movimentos de renovação (nos séculos XIX e XX), seu percurso estende-se da fase preparatória (1960) à terceira sessão (1964) do concílio. O conhecimento do seu complexo itinerário é fundamental para interpretação e recepção. Organizada em oito capítulos – o mistério da Igreja, o povo de Deus, a constituição hierárquica da Igreja, os leigos, a vocação universal à santidade, os religiosos, a índole escatológica da Igreja, Maria no mistério da Igreja – a partir de uma teologia cristocêntrica e trinitária, a Lumen gentium apresenta a origem, a identidade e a destinação da Igreja na sua relação com o Deus uni-trino: vem da Trindade (do amor que liga o Pai e o Filho no Espírito Santo), é imagem da Trindade (sua expansão na história) e tende à Trindade (a plenitude escatológica do Reino de Deus). Seis décadas depois do Concílio, continua a ser uma referência indispensável para a vida e a missão da Igreja.*





*Com o artigo CIPRIANO VAGAGGINI E SUA CONTRIBUIÇÃO PARA A CONSTRUÇÃO DA SACROSANCTUM CONCILIIUM, os autores Reuberson Ferreira e Sami Abraão analisam a participação do monge camaldolense Dom Cipriano Vagaggini na elaboração de temas fundamentais que compuseram a Constituição Sacrosanctum Concilium. Esse documento conciliar que trata da liturgia, foi forjado a partir de diversas contribuições. Cipriano Vagaggini influenciou significativamente na redação do texto, a partir de seus estudos sobre a liturgia, especialmente de sua obra “O sentido teológico da liturgia”. Contribuiu, ainda, de forma competente, com o dedicado empenho nas comissões de que participou durante o Vaticano II. A pesquisa utiliza revisão literária para contextualizar a formação da Sacrosanctum Concilium, examinando os antecedentes históricos, os trabalhos pré-conciliares e as atividades das Comissões Conciliares, destacando a contribuição acadêmica e prática de Vagaggini. Conclui-se que a participação de Vagaggini para as questões litúrgicas foi essencial para o contexto celebrativo dos dias de hoje, que revela uma presença mais participativa e vivencial.*

*Ainda no campo da liturgia temos a colaboração de Fernanda Oliveira da Costa e de Marcio Luiz Fernandes, com o artigo A CONTRIBUIÇÃO DA CNBB PARA A PRÁTICA DA LITURGIA RENOVADA PÓS-CONCILIAR. UM OLHAR PARA A ARTE SACRA. Ao lembrar que a propagação e implementação da liturgia renovada proposta pelo Concílio Vaticano II, por meio da constituição Sacrosanctum Concilium, ficaram sob a responsabilidade das conferências episcopais de cada país, os autores constatam que, no Brasil, a CNBB (Conferência Nacional dos Bispos do Brasil) se empenhou em estruturar o Setor de Liturgia promovendo encontros e publicando documentos com o intuito de orientar as dioceses brasileiras nesse âmbito. Os autores traçam essa trajetória na perspectiva da arte sacra, desde antes do Concílio Vaticano II, com a atuação do Movimento Litúrgico no Brasil, passando pelas iniciativas de formação litúrgica pós-concílio até os recentes documentos publicados pelo Setor de Espaço Litúrgico, os Estudos da CNBB n° 106 e n° 113. A necessidade contínua de formação para e pela liturgia se aplica também à arte sacra, que requer agentes cada vez mais capazes de tornar visível a centralidade de Cristo nos espaços celebrativos.*

*Um documento do concílio pouco lembrado é analisado por Luiz Carlos Susin em PERFECTAE CARITATIS. O DECRETO DO CONCÍLIO VATICANO II E A REFORMA DA VIDA RELIGIOSA CONSAGRADA. O artigo tem por objetivo a história da elaboração*



*do decreto Perfectae Caritatis, do Concílio Vaticano II, buscando não somente o contexto dos debates conciliares, mas a situação da Vida Religiosa Consagrada antes do Concílio segundo um modelo eclesiológico e um contexto social que não lhe davam mais sustentação. Centra-se na mudança epistemológica, que significou uma mudança teológica e espiritual possibilitadas pelos grandes objetivos e critérios do Concílio. Apresenta alguns limites, de caráter antropológico e cultural, que ficaram claros depois do Concílio. Por isso aborda também algumas consequências e desafios pós-conciliares.*

*Com o artigo DA ECLESIOLOGIA MARIANA DO VATICANO II À “IGREJA EM SAÍDA” DE FRANCISCO, o autor, Anderson Moura Amorim, analisa a eclesiologia mariana do documento Lumen Gentium, capítulo VIII, intitulado “A Bem-Aventurada Virgem Maria, Mãe de Deus, no Mistério de Cristo e da Igreja”, abordando sua evolução desde o Concílio Ecumênico do Vaticano II (1962-1965) até a concepção da “Igreja em saída” proposta pelo Papa Francisco. A hipótese é que a mariologia do Concílio Vaticano II contribui significativamente para a compreensão da Igreja como modelo a ser seguido, especialmente no contexto de sua missão pastoral. Examina-se como a figura de Maria se insere na eclesiologia conciliar e como se conecta com a visão pastoral do Papa Francisco, que enfatiza uma Igreja voltada para as periferias e dedicada à evangelização. A metodologia utilizada baseia-se na análise do capítulo VIII da Constituição Lumen Gentium e na revisão crítica da literatura teológica atual sobre mariologia e eclesiologia, com foco na visão de Francisco sobre a Igreja como uma mãe em missão. Tanto o Concílio Vaticano II quanto o Papa Francisco propõem uma mariologia integrada à eclesiologia, destacando Maria como modelo de vida cristã e compromisso com os mais necessitados, além de ressaltar a missão da Igreja de acolher e evangelizar, especialmente os marginalizados, em um processo de transformação e renovação.*

*No contexto dos 60 anos do Concílio Vaticano II, o autor, Rodrigo Antonio da Silva, analisa a também sexagenária encíclica Ecclesiam Suam, de Paulo VI, no artigo intitulado 60 ANOS DA ECCLESIAM SUAM: A CONTRIBUIÇÃO DE PAULO VI PARA O DIÁLOGO COMO ITINERÁRIO ECLESIOLÓGICO. Ele considera que esta encíclica, publicada em 1964 por Paulo VI, é um marco eclesiológico que destaca a importância do diálogo da Igreja com o mundo. O artigo explora os princípios do diálogo lançados na encíclica, contextualizando-os com elementos biográficos de Paulo VI que evidenciam seu apeço pelo diá-*



*logo e pela aproximação com o mundo moderno. A encíclica foi lançada durante o Concílio Vaticano II, influenciando nas discussões conciliares, como na Constituição Dogmática Lumen Gentium e na Constituição Pastoral Gaudium et Spes. Paulo VI propõe que a Igreja necessita dialogar com a humanidade, crentes em Deus e cristãos de outras denominações, fundamentando o diálogo da Igreja e o mundo pela teologia pastoral. O Papa Francisco continua esse legado, promovendo a cultura do encontro e a sinodalidade como dois dos pilares de seu pontificado. Seus documentos magisteriais, como Evangelii Gaudium e a Laudato Si', reforçam a importância do diálogo para enfrentar os desafios contemporâneos. O artigo destaca a relevância contínua do diálogo para a missão da Igreja, apontando tanto os avanços quanto as resistências internas e externas, devido à polarização política. Conclui-se que o diálogo, como elemento constitutivo das relações humanas, permanecendo vital para a Igreja buscar sua relevância na sociedade contemporânea.*

*Entrando na seção dos Artigos Diversos, temos uma série de artigos dedicados à interpretação de trechos da Sagrada Escritura. O primeiro deles, intitulado A COOPERAÇÃO DO CRISTÃO NA OBRA DA RECONCILIAÇÃO A PARTIR DE CL 1,21-24, de Waldecir Gonzaga e Arthur Jordan de Azevedo Toné, resalta que dentre o conjunto de cartas propaulinas e deutero-paulinas, Colossenses se destaca como a que possui a maior quantidade proporcional de variantes textuais, com possibilidades interpretativas diversas quanto à sua mensagem. O texto de Cl 1,24 se sobressai nessa variedade de opções, permitindo inclusive interpretações que contradizem o conteúdo da fé a respeito da obra de Cristo e de sua aplicação na vida do cristão, e que estão presentes atualmente, de modo prático, no seio da Igreja. O artigo realiza uma análise exegética de Cl 1,21-24, levando em conta aspectos literários, históricos, ecumênicos e teológicos, a fim de identificar qual seja a natureza da reconciliação pessoal proporcionada pela obra de Cristo e em que sentido há uma cooperação do cristão para o benefício da Igreja. Os autores propõem, mediante esta análise, que Cristo sofre e opera em seu corpo, a Igreja, do qual o cristão é membro, e estes sofrimentos, experienciados na carne de seus membros, cooperam para a vitalidade da comunidade na medida em que colaboram para anunciar o Evangelho de reconciliação universal mediante a morte de Cristo. Esta proposta tem implicações práticas para a vida espiritual do cristão e parece se coadunar adequadamente com perspectivas de diferentes tradições cristãs. Para se realizar este estudo, oferece-se o contexto da*



carta aos Colossenses e uma exegese da perícopa de Cl 1,21-24, com o texto grego e tradução própria para o português.

Em seguida, temos o artigo *A EXPRESSÃO METAFÓRICA עֲז־פָּנִים 'az-pānīm E A CONFIGURAÇÃO RETÓRICA DO DISCURSO NARRATIVO EM DANIEL 8,23*. Seus autores, Petterson Brey e Rodrigo Serveli, analisam a frase de Daniel: “E no fim desses reinos, quando chegarem ao cúmulo os seus pecados, levantar-se-á um rei de olhar arrogante, capaz de penetrar os enigmas” (Dn 8,23 – BJ). Veem aí um dos três lócus da expressão עֲז־פָּנִים 'az-pānīm, traduzida como olhar arrogante – feroz catadura (ARA) –, na Bíblia Hebraica. O artigo propõe-se a analisar em que medida as duas ocorrências, situadas em Dt 28,50 e Pv 7,13, podem contribuir para a interpretação da retórica discursiva de Dn 8,23. Tal empreendimento se dará por meio de uma abordagem literária, norteada pelos critérios metodológicos da análise narrativa. No que tange à configuração artístico-literária dessa expressão, portanto, verificar-se-á suas feições metafóricas em duas dimensões: (1) na perspectiva da descrição adjetiva da personagem referida por ela; (2) em vista da ação depreendida pelos atores personificados pela representação dessa imagem. Em Dt 28,50, a princípio, עֲז־פָּנִים 'az-pānīm faz referência a uma nação feroz de rosto (ARA) – rosto duro (BJ) –, que é enviada por YHWH para exercer juízo sobre Israel, em virtude da violação da aliança. Todavia, em Pv 7,13, a variação הָעֵצָה פְּנֵיהָ he 'ezāh pāneyhā – traduzida pela ARA como cara impudente, e como modo sério, pela Bíblia de Jerusalém – remete-se à ação de uma mulher adúltera em relação a um homem que não tornou os mandamentos de Deus como a menina de seus olhos. Dada a exiguidade de episódios narrativos que se valem dessa construção metafórica, é razoável que esta, em virtude de sua precisão retórica, seja analisada como elemento literário artisticamente planejado.

*A VIDA NO ESPÍRITO: NOVA LEI DO CRISTÃO, EM RM 8, 1-13* é o título do artigo que tem Anderson Moura Amorim por autor. O texto entende que, segundo Paulo, o Espírito de Deus habita nos homens que estão em Cristo Jesus. Através dessa união com Cristo, os homens se tornam instrumentos do Espírito, não como pessoas naturais, mas como aqueles que estão mortos e sepultados com Cristo, coparticipantes na ressurreição. Contrapondo o velho ao novo homem, “o apóstolo dos gentios” (Rm 11,13) e “mestre das nações” (1Tm 2,7) convida os cristãos a manterem a pureza do corpo e das ações, pois todo batizado é templo do Espírito Santo (Rm 8,9). No Espírito, a moral cristã torna o batizado livre, uma vez que “a lei do Espírito da vida em Cristo Jesus nos libertou



*da lei do pecado e da morte” (Rm 8,2.13). Metodologicamente, o artigo pauta-se pela pesquisa bibliográfica. Entre as hipóteses, observa-se que, no epistolário paulino, a vida moral cristã se origina da vida no Espírito, destacando três pontos: o contexto do surgimento da Carta aos Romanos; a morte do cristão, como viver segundo a carne; e viver no Espírito. Percebe-se que, para Paulo, “o viver no Espírito” (Rm 8,2) é estar em Cristo, moldando a conduta ética do cristão e guiando seu agir confiante em Deus. Tal perspectiva enriquece e avança na reflexão bíblico-teológica, especialmente no tocante ao epistolário paulino.*

*Vem em seguida o artigo de A BÊNÇÃO E SEU DUPLO MOVIMENTO NO SALMO 134, de Leonardo Agostini Fernandes, o qual considera que a vida humana não é ritmada apenas pelo tempo, mas, em particular, pelo que neste acontece. Se, pela fé, admite-se que toda a criação é bênção, então, o ser humano, criado à imagem e semelhança de Deus, é a sua máxima expressão, pois foi feito para abençoar; isto é, para evoluir, manter e plenificar a criação e não para danificá-la ou causar a sua própria extinção. Sem sombra de dúvida, bendizer YHWH e ser por ele abençoado é a coordenação que se encontra entre as ações expressas no Sl 134, pelas quais Criador e criatura consomem o seu encontro e diálogo. A brevidade do Sl 134 permite que a sua leitura e interpretação se orientem em diferentes direções que, porém, confluem na relação do fiel com o lugar de culto e com os que nele executam suas funções. Bendizer YHWH e ser bendito por YHWH são as ações que resumem a dinâmica do Sl 134 que encerra os cantos das ascensões (Sl 120–134). O artigo, subdividido em introdução, três tópicos, considerações finais e referências bibliográficas, não pretende ser exaustivo, mas, aplicando abordagens diacrônicas e sincrônicas, busca elucidar o que estaria subjacente às duas ações, verificando e citando as possíveis intercessões do Sl 134 com outros textos do Antigo Testamento.*

*Vem em seguida o artigo O MÉTODO INTERPRETATIVO DA BÍBLIA SOB A ÓTICA DOS TRAUMAS: UM MODO DE INTERPRETAÇÃO INOVADOR NA HERMENÊUTICA BÍBLICA APLICADA NO LIVRO DO GÊNESIS, de Osmar Debatin e Alisson Garcia Elias, os quais entendem que há diversos métodos de interpretação dos textos das Sagradas Escrituras. Um método recém-descoberto é a interpretação através dos traumas. O conceito de trauma, desenvolvido ao longo da história, foi aprofundado cientificamente pela psicologia, com contribuições de Sigmund Freud. Ele compreende trauma como uma experiência que sobrecarrega o sistema psíquico e faz com que o indivíduo tenha*



*uma lembrança que não lembra, manifestada em atos obsessivos. Através desse conceito pode-se ler os textos bíblicos, como sugere David Carr, pois, apesar de não ter formulado esse conceito, o povo bíblico viveu experiências traumáticas, tanto individual, quanto coletivamente. A partir disso, propõe-se um esquema de cinco passos para a hermenêutica dos traumas como uma base inicial para esse estilo interpretativo. Em sequência, é apresentada uma leitura do livro do Gênesis a partir dessa interpretação. É demonstrado como as catástrofes do início do Gênesis são a forma do povo pós-exílico explicar as suas catástrofes e gerar resiliência. Esse modo de interpretar a realidade pode ser útil para o ser humano contemporâneo, auxiliando a dar voz aos seus traumas. A hermenêutica dos traumas pode ser vislumbrada como uma contribuição nova e oportuna para o campo de interpretações bíblicas.*

*Relacionado ao campo da Bíblia, ainda que à distância, temos o artigo A PEDRA MOABITA, OU ESTELA DE MESHÁ, REI DE MOAB: TRADUÇÃO EM PORTUGUÊS E ANÁLISE HISTÓRICA, de Pietro de Jesus Moraes. Ele considera que a Estela de Meshá, mais conhecida como Pedra Moabita, é uma inscrição semítica que contém dados históricos, geográficos e religiosos sobre o antigo Reino de Moab. Hoje, somando quase 3.000 mil anos de existência, sua descoberta, feita inicialmente pelo missionário F. A. Klein e, não muito depois, resgatada pelo orientalista C. S. Clermont-Ganneau, é uma das façanhas arqueológicas mais notáveis do século XIX. Pretende-se, neste artigo acadêmico, oferecer ao leitor e pesquisador uma tradução formal seguida por uma análise histórica da antiga inscrição moabita. A tradução é feita com base na obra de Herbert F. B. Compston (1919), uma das primeiras publicações sobre o assunto; e a análise histórica é feita, sobretudo, com base no Dicionário Enciclopédico da Bíblia (1977), no Dicionário Bíblico Wycliffe (2007) e na Bíblia de Jerusalém (2002), obras ainda muito conceituadas nos ambientes teológicos. Por fim, estabeleceu-se uma correspondência entre a Bíblia Hebraica (ou Antigo Testamento) e algumas linhas da inscrição moabita. Além do que está proposto, constatou-se também, desde o início, a importância histórica e linguística da Estela de Meshá, não apenas para a compreensão de como os antigos sistemas de escrita alfabéticos evoluíram a partir do Álef-Bet fenício, mas também para um entendimento mais amplo da Sagrada Escritura, em particular, das relações entre Israel e os povos que habitavam no seu entorno.*



*Passando para o campo teológico-pastoral, temos inicialmente o artigo de Flavio José de Paula: A CONCRETUDE DAS MISSÕES DO FILHO E DO ESPÍRITO SANTO: A BUSCA DA COMUNHÃO NA DIVERSIDADE. O autor afirma que a fé cristã tem toda a sua identidade pautada no seguimento de Jesus Cristo e na revelação de Deus que de sua pessoa advém. Essa revelação não é um dado objetivo, científico, a-histórico e impessoal, mas é sobretudo um dado de fé, um dado que é aceito pelo crente por sua adesão a uma pessoa, Jesus Cristo, e a uma comunidade de fé, na qual se inseriu. Por isso, a revelação chega ao crente do século XXI no seu contexto, interpelando o seu mundo, os seus problemas, o seu modo de pensar, de maneira que não podemos afirmar crer numa revelação abstrata, desligada de eventos históricos precisos. E isso em um duplo sentido: não é desconectado da historicidade da chamada “plenitude dos tempos” (que culmina na encarnação, vida, missão, morte e ressurreição de Jesus Cristo), nem da historicidade atual, “lugar” a partir do qual o crente interpreta os fatos. Isso nos leva, metodologicamente, a entender a revelação sob duas perspectivas complementares, ambas partindo da historicidade: 1) a perspectiva da missão do Filho, concretamente situada no tempo, e a da missão do Espírito Santo, que brota dele e também se enraíza na história; 2) o ponto de vista da atualidade, que questiona de que maneira é possível crer na Revelação e, principalmente, qual é o significado prático de tais conceitos dogmáticos para os nossos dias.*

*Em seguida temos O DISCÍPULO CRISTÃO, O MUNDO E A RESPONSABILIDADE TEOLÓGICA. INTUIÇÕES EM DIÁLOGO COM DIETRICH BONHOEFFER, de Wallace Alexander A. Cruz. O autor inicia afirmando que Dietrich Bonhoeffer assumiu o ethos protestante: sua vida foi uma encarnação da contestação profética contra aquele que simbolizava o diabólico – Adolf Hitler –, assim como uma militância contundente contra uma estrutura opressora que manifestava, de modo radical, as forças do AntiReino, a saber, o inescrupuloso e abjeto regime nazista. Sua luta não partia de um ideologismo político-partidário de oposição. Mas, estava fundada e era impulsionada pelas exigências do seguimento de Jesus Cristo. O artigo investiga: a) o que significa – no pensamento bonhoefferiano – ser discípulo? b) como o discípulo/a cristão deve interpretar e se relacionar com o mundo? c) qual ou quais exigências estão postas ao discípulo/a de Jesus Cristo em relação ao espectro político? A pesquisa, guiada pela investigação bibliográfico-documental mostra como resultados, a) que ser discípulo/a*



*exige, mas transcende a dimensão da confessionalidade, implica, em sentido último, na encarnação do Encarnado, b) que o mundo se apresenta ao discípulo/a cristão como lugar teológico e, c) o discipulado requer o dever de assumir a responsabilidade teológico-política.*

*Com o artigo intitulado A CRUZ NA TRADIÇÃO LITÚRGICA CRISTÃ: A TEOLOGIA MEDIEVAL DA CRUZ EM FORMA DE TAU, o autor, Richard Strazza da Silva, inicia lembrando que a cruz tem história que atravessa os persas, os romanos, os gregos, os hebreus e chega aos cristãos. Ela passou de instrumento de medo, castigo e morte, para sinal cristão – como bandeira de vitória para aqueles que se mantém em luta pela vida. É possível identificar que essa cruz da qual Jesus carregou sobre os ombros fosse aquela do Tau. Este nome deriva da letra T do alfabeto grego, chamada ‘tau’. É certo que aparecem na iconografia dos primeiros séculos outras formas de cruz como o da âncora, da árvore mantida como antena de um navio que suporta as velas para navegar, da haste de sustentação, dentre outras. Porém, os primeiros cristãos quando reunidos para celebrar nas catacumbas, deixaram impressas nas suas paredes a cruz em forma de Tau. Este tipo de cruz, portanto, traz consigo uma realidade histórica, bíblica, teológica, mas também litúrgica. Nas Sagradas Escrituras, várias passagens do Antigo Testamento fazem referência à cruz. Ela é apresentada como Tau e pontuam sempre a intervenção divina na história de salvação. Com mais expressividade, aparece no Novo Testamento, quando se torna, a partir de Cristo, um sinal de prova de amor. Ali a cruz é contemplada como centro de conversão do amor, por isso tem características evidentes da espiritualidade cristã. A história, a Bíblia e a Igreja – dentro do contexto dos Santos Padres e do Magistério – trazem consigo a cruz como mistério revelado no momento da paixão e morte de Cristo, mas sobretudo como instrumento de salvação. Ela foi ressignificada quando Cristo foi levantado sobre ela, e a liturgia apresenta este sinal nos espaços celebrativos, nas orações, nos gestos e, sobretudo na espiritualidade; a liturgia atualiza o sacrifício de Cristo e celebra sua vitória sobre a morte de cruz, que segundo a tradição se deu sobre a cruz de Tau. Contudo, a cruz é um símbolo comum: é a cruz que preside a celebração; que precede a procissão e convida a assembleia a se reunir; está presente nas casas de família; os bispos a carregam sobre o peito e o papa a tem como báculo; a cruz é usada como ornamento levado no pescoço; os vários sinais de cruz feitos sobre pessoas e coisas: antes de comer, ao dormir e levantar, ao início e fim da Missa, etc. Na cruz se resume todo*



*mistério de Cristo. A cruz ilumina o caminho, vence o mal, apresenta Deus, é imagem concreta do amor, dá esperança, assegura a vitória de Cristo, é profissão de fé, é sinal de pertença a Deus, faz sentir-nos salvos por Cristo. Porque o cristianismo celebra Cristo morto e ressuscitado, a cruz é o arquétipo eminente da ação salvífica de Deus e o modelo da resposta do homem.*

*Vem em seguida o artigo de Eanes Roberto de Lima, intitulado ECOLOGIA INTEGRAL E TEOLOGIA: A INTERCONEXÃO ENTRE O SER HUMANO, DEUS E A NATUREZA. O artigo analisa a relação entre a Ecologia Integral e a Teologia, com ênfase na interconexão entre o ser humano, Deus e a criação. Essa vinculação é essencial para a compreensão da espiritualidade e do compromisso com o cuidado ambiental. A Ecologia Integral propõe uma abordagem holística, que reconhece a interdependência de todos os elementos do cosmos e a responsabilidade moral do ser humano pela preservação da Terra, entendida como uma criação divina. A perspectiva holística sustenta que a saúde humana e o bem-estar estão intrinsecamente relacionados ao equilíbrio ecológico, sugerindo que tanto a educação quanto a saúde devem adotar práticas que integrem dimensões físicas, psicológicas, sociais e espirituais. Além disso, a Teologia e a cosmologia cristãs reafirmam o encargo do ser humano de proteger a criação divina, promovendo uma justiça ecológica que restaura a harmonia entre Deus, a humanidade e a natureza. A Ecologia Integral, articulada por Arne Naess, propõe um respeito intrínseco por todas as formas de vida, enfatizando que a preservação do meio ambiente transcende os interesses humanos, reconhecendo o valor intrínseco da natureza. A Ética Ambiental, por sua vez, foca nas questões morais que orientam a conduta humana em relação à criação, promovendo uma ação sustentável e consciente. O pensamento de São Francisco de Assis é destacado como um paradigma de reverência pela criação, influenciando a ética ecológica com base na fraternidade cósmica. A Encíclica “Laudato Si”, do Papa Francisco, reforça essa visão, convocando para uma “conversão ecológica” que une a justiça social ao cuidado com a criação. O diálogo inter-religioso surge como um espaço fecundo para o desenvolvimento de uma base comum em torno da ecologia integral, analisando convergências e divergências nas visões religiosas sobre a relação entre Deus, o ser humano e a natureza. O texto conclui com a necessidade urgente de transformações comportamentais para enfrentar os desafios ecológicos contemporâneos, promovendo uma ética que valorize a sustentabilidade e a integridade da criação.*



*Com o artigo INDEX “PARTIDORUM” PROHIBITORUM: OS PARTIDOS POLÍTICOS E O VOTO DOS CATÓLICOS NO ATUAL CONTEXTO BRASILEIRO, o autor, Elvis Rezende Messias, objetiva apresentar uma discussão acerca do tema da opção partidária de fiéis católicos, problematizando o fenômeno das “listas de partidos proibidos” que por vezes circulam no Brasil em época de campanha eleitoral. Fundamentado em pesquisa bibliográfico-documental de cunho qualitativo, visa demonstrar que a afirmativa de que ao católico brasileiro não é permitido votar nos partidos dessas “listas” não condiz com a postura da Igreja Católica e com a sua doutrina, mormente a sua doutrina social.*

*Temos, então, o artigo AS EXPERIÊNCIAS NARRADAS PELAS AGENTES DA PASTORAL DA SAÚDE: SIGNIFICADOS, DESAFIOS E POTENCIALIDADES. Tiago Pedrozo Romancini, Giovanna Cabral Doricci, Karina de Melo Conte e Luiz Roberto Marquezi Ferro, apresentam os resultados de um estudo realizado com a Pastoral da Saúde, da Paróquia Nossa Senhora da Piedade, de Altinópolis, SP. A realização da pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética da Universidade de Ribeirão Preto – UNAERP, sob o Certificado de Apresentação para Apreciação Ética – CAAE 57983122.2.0000.5498. A Pastoral da Saúde é um grupo de serviço presente nas comunidades eclesiais, formado por voluntários que desejam trabalhar com os enfermos. Para esta pesquisa de natureza qualitativa usamos do grupo focal como técnica de coleta de dados, ou seja, uma entrevista coletiva abordando as mesmas perguntas para todos os entrevistados. Em tal estudo, buscamos compreender as atividades desenvolvidas por este grupo; os significados sobre as ações que realizam atribuídos pelas agentes da pastoral; e por fim, a identificação dos desafios enfrentados pela equipe e dos aspectos potencializadores presentes no grupo, a fim de, planejamento de atividades futuras para o grupo. Como resultados apresentamos três tópicos relacionados à descrição das atividades; três tópicos referentes aos desafios e um tópico sobre os aspectos potencializadores. Por fim, a partir dos achados em campo, julgamos pertinente oferecer ao grupo condições de aprimorar suas atividades futuras, com a possibilidade de organizar encontros de formação sobre o Sistema Único de Saúde (SUS), estilo de vida saudável e treinamento de escuta.*

*O último artigo da seção Assuntos Diversos é: TEOLOGIA DOS TITÃS: ESTUDO DE TRÊS MÚSICAS DA BANDA CONSIDERANDO SUA VISÃO TEOLÓGICA, de Luís Henrique Piovezan,*



*analisa três composições musicais, com foco na Religião e em Deus, dos Titãs, banda de rock brasileira atuante desde a década de 1980, para verificar a relação entre essas músicas e a Teologia. Essas músicas são “Igreja”, “Jesus não tem dentes no país dos banguelas” e “Epitáfio”. O artigo analisa o contexto de formação da banda e da composição das músicas para entender o seu significado teológico e a crítica realizada pela banda. Parte-se do pressuposto de que a Teologia pode ser tanto acadêmica como popular, ocorrendo em diversas formas de manifestação, inclusive a artística. Assim, pode-se aceitar as músicas que falam sobre Deus e sobre a Igreja como Teologia. Para cada música analisada, verifica-se que a crítica realizada tem relação com questões apontadas por teólogos e por passagens bíblicas. Apesar da demonização que parte dos religiosos faz com o rock, demonstra-se que as músicas analisadas abordam questões teológicas, em especial, questões eclesiológicas. Isso leva a questionar as atitudes de censura do Estado e da Igreja perante a música popular. Considerando a necessidade de diálogo na Teologia, o artigo propõe uma visão mais dialogada e menos recriminatória de parte da Igreja perante a Arte que parece ofender o que muitos religiosos pensam ser dogmas básicos.*

*Por fim, temos a resenha que Gustavo de Souza Araujo faz da obra o livro O LIVRO DO DISCÍPULO: O ACOMPANHAMENTO ESPIRITUAL, de Luis María García DOMÍNGUEZ, SJ.*

*Aos nossos leitores e leitoras desejamos boa apreciação e reflexão do que lhes oferecemos.*

Vitor Galdino Feller – Editor-Diretor